O Castro de Fontes

(Santa Marta de Penaguião)

Fontes é freguesia do concelho de Penaguião e distrito de Vila Real.

A actual povoação de Fontes deve ter continuado o povoado castrejo do «Castelo dos Mouros» ou «Castro do Monte de S. Pedro que lhe fica a cerca de 1 km para leste.

Por encargo da Direcção-Geral do Património Cultural, fui a Fontes em Setembro de 1979, para, como me foi solicitado, ver o castro e colher elementos para «eventual classificação do mesmo, enviar memória descritiva e propor zona de protecção».

A visita que fizemos ao castro foi pobre em achados arqueológicos. Encontramos aqui e ali alguns cacos de cerâmica incaracterísticos e alguns pequenos pedaços de telhas de rebordo (tégulas) a atestarem a romanização daquele velho castro lusitano.

Mas o castro de Fontes forneceu duas peças arqueológicas de certo valor. Uma ara consagrada à deusa Aurora e a bela cabeça de bronze que foi considerada como um *pondera* ou seja um velho peso possivelmente romano.

O Castro

Na manhã do dia 4 de Setembro chegamos a Fontes pelas 8 horas.

Como na véspera se tinha combinado ter a colaboração — e bem prestimosa foi — do Sr. Arnaldo Conceição Osório, professor e director da Escola de Fontes, pouco depois da nossa chegada fomos para o castro que fica a um escasso quilómetro da povoação.

Toda a manhã andamos em pesquisas.

Nas voltas que demos nada vimos que fizesse sequer suspeitar serem resto de muralha ou de outras edificações castrejas.

No alto do cabeço há a pequenina capela consagrada a S. Pedro num alto terreiro rodeado por robusto paredão, até junto do qual dos lados norte, nascente e parte do lado sul sobem as vinhas.

Pode dizer-se que o castro foi tomado de assalto pelo vinhedo. Percorreram-se algumas vinhas à cata de quaisquer restos de interesse arqueológico, especialmente cacos da típica cerâmica castreja.

Apenas na vertente leste, no sítio da Pena Aguda, onde se diz que apareceu a ara que vai reproduzida nas Figs. 2, 3 e 4, e é resto de vinha velha comida pelo mato, silvas e alguns pinheiros novos, vimos alguns pedaços de rebordos de tégulas e de tijoleira.

Vertente do lado poente

Na vertente do lado poente há uma faixa, no alto, ainda não conquistada pela vinha, onde cresce algum mato e pinhal, há restos de paredes, algumas atingindo mais de metro e meio de altura, que parecem ser calços dos geios de um mortório de vinha, o que aliás foi confirmado por várias pessoas.

A única coisa que nesta vertente criou suspeita de remota construção foi um recanto de parede em ângulo recto,, a uns 60 m do terreiro da capela de S. Pedro. No entanto pouco característica, pelo menos na parte que está a descoberto.

Vertente do lado norte

Por baixo do caminho que leva às vinhas e à capela nada se patenteia de carácter ou feição castreja.

Há pois que concluir que, com o decorrer dos tempos, tudo foi destruído e arrazado.

Com a pedra das muralhas, se porventura existiram, fizeram os calços e as paredes das muitas vinhas que se estendem à roda do cabeço.

Voltou-se ao castro da parte de tarde para prosseguir as pesquisas.

Na vertente do lado nascente fomos ver um começo de saibramento para plantação de vinha. Estava a começar, apenas tinham escavado uma camada superficial de 25 a 30 cm.

Nestes saibramentos a terra é revolvida até um metro e meio a dois metros de profundidade, o que, muitas vezes, põe a descoberto coisas de interesse arqueológico.

Tivemos ensejo de ouvir pessoas de idade avançada que pudessem dar informações de interesse arqueológico referentes ao castro.

Nenhuma das pessoas interrogadas, e foram várias, se lembra de ter visto qualquer resto de muralha naquele castro.

Contaram várias lendas e foram várias as referências à mina que se abria na vertente do lado norte e pela qual «os mouros levavam os cavalos a beber à fonte de Crestelos», que fica ao fundo da ladeira do lado sul.

É corrente ouvir dizer em Fontes que entre o castro e o Orval (pequena povoação por baixo de Crestelos) está a riqueza de Portugal.

A ara

Trata-se de uma linda ara de granito de grão fino, bastante bem conservada, pois só está ligeiramente mutilada nas almofadas cilíndricas ou volutas *(cornua)*, que ladeiam o *foculus*.

Em Agosto de 1978, por incumbência da Direcção-Geral do Património Cultural, fui ver a ara a casa da Sr.ª D. Olinda Matos (rua de S. Gens n.º 2951 — Senhora da Hora — Porto) que, gentilmente, permitiu que examinasse a ara, a medisse e a fotografasse (Figs. 3, 4, 5).

---

(1) A Sr.ª D. Olinda Matos, a quem agradeço a gentileza da permissão de observar, medir, fotografar e desenhar a bela ara, informou que a mesma apareceu havia cerca de 20 anos, no saibramento da sua propriedade, «a vinha do Crasto», no sítio da Pena Aguda.

A mesma senhora disse que em Fontes, é corrente a seguinte tradição oral.

Um homem, chamado Guião, por qualquer crime que cometeu, foi condenado, e teve como *pena* cultivar a terra do Crasto de S. Pedro.

Tal condenação foi considerada como grande castigo, pena severa

A ara tem a altura 48 cm e na base 24 cm.

Aquela linda ara pode esquematizar-se assim: porção média ou fuste, prisma de quatro faces iguais tendo 21 cm de altura por 18 de largura, com uma base e uma cabeça.

A base com três ressaltos em cordão; o primeiro, o inferior, com 24 × 4 cm; o segundo, ou médio, com 24 × 3 cm e o terceiro com 23 × 5 cm.

a cabeça, ou frontão, também com três ressaltos: o primeiro a seguir à face gravada com 22,5 cm; o médio com 24 × 1,5 cm; o que se segue até ao topo das almofadas ou volutas com 25 × 4,5 cm.

A cabeça, topo cimeiro ou frontão (Fig. 3) tem a meio o *focolus* em malga pouco funda com 11 cm de diâmetro. Dos lados dois cilíndros, almofodas ou volutas, com 22,5 cm de comprimento e tendo na face anterior uma roda com covinha central â maneira de argolinha.

A terceira letra da primeira linha que a princípio me parecia ser um C com um ponto no extremo do ramo inferior tem de facto um sulco integrado na letra que deve ser um G.

A terceira letra da segunda linha é, como se vê na legenda (Fig. 1-C), um L com um traço a meio da haste vertical, ou, se assim quisermos, um E a que falta o traço cimeiro. Julgo que tal letra deve ser considerada um L. O traço a meio da haste vertical deve corresponder a distracção ou erro do cinzelador, que parou a tempo de não pôr um E onde competia caber um L. A última letra da terceira linha vejo-a como um F com o traço mediano descaído.

As letras têm em média 2,5 a 3 cm de altura.

---

ou *pena aguda,* que deu origem ao nome do sítio onde tem a sua «vinha do Crasto».

Como o castigo, por sentença, foi aplicado ao condenado Guião, naturalmente se lhe passou a chamar *pena do Guião.* Há quem queira ver nesta designação, do castigo com que o referido delinquente teria sido punido, a raiz do nome do concelho.

Maneira simplista, mas inventiva engenhosa, em transformar uma pena aguda, pedra altaneira e acuminada, numa sentença judicial, e, depois, com a inventiva do onomástico Guião, em atributo do nome do concelho,

A ara foi estudada pelo Dr. Fernando Russel Cortez, que dela se ocupou no seu trabalho *A ara greco-romana do Castro de Fontes — Novos subsídios para o estudo dos cultos orientais na região do Douro,* publicado nos «Anais do Instituto de Vinho do Porto», Porto, 1948, págs. 47 a 95, e 4 Figs.

Na pág. 53 publicou a legenda da ara que vai reproduzida na Fig. 1-*A*.

Fig. 1 — Três leituras da inscrição da ara de Fontes (Santa Marta de Penaguião). *A* — Leitura do Dr. F. Russel Cortez. *B* — Leitura do Rev.º P.e E. Jalhay. *C* — Leitura do autor.

Nesta reprodução aparecem três pontos a mais. Um na primeira linha, entre a segunda e a terceira letras, outro na terceira linha, entre o N e o M, e ainda outro na última linha no meio ou centro do O, pontos que não consegui vislumbrar quando examinei a ara. É certo que no centro deste O há uma pequena anfractuosidade que julgo não ser um ponto.

Na última linha a última letra é um O rafado que de entrada considerei como um C.

É certo que esta pequena diferença não tem importância de maior porquanto se fosse interpretada como um C, em vez de PO(suit), suponho poderia ler-se P(onendum) C(curavit).

Russel Cortez, da págs. 54 a 70, com ampla erudição, analisa cada uma das quatro linhas da legenda da ara, alicerçado em rica documentação epigráfica que vai trazendo a terreiro em apoio dos seus raciocínios interpretativos.

Na pág. 69 escreveu: «De acordo com o que atrás expusemos julgamos aceitável, para esta epígrafe votiva a leitura»

AVGE
CILEAE
MINIA ME(bdi filia)
VO T(um) L(ibens) PO(svit)

«À (deusa) AVGE CILEA (de Cillae ou Cilla), *Minia, filha de Mebdo* (?) *construlu (este monumento) cumprindo um voto*».

Russel Cortez, na pág. 56, diz: «Para mim, é pois também de origem grega a invocação a AVGE que a epígrafe em estudo mostra gravada na sua 1.ª linha» (1).

O Rev.º Padre Eugénio Jalhay, arqueólogo de bem merecida e justa reputação, também estudou a ara, certamente a pedido do Rev.º Cónego da Sé de Lisboa Dr. Carneiro de Mesquita, que foi depositário da ara.

O Rev.º Carneiro de Mesquita era natural de Fontes onde tinha casa própria, que, com outros haveres, legou para uma Fundação a criar em Fontes, que suponho ainda não ter tido concretização plena.

O Padre Jalhay no seu trabalho *Ara romana inédita de Fontes (Santa Marta de Penaguião)*, publicado na «Brotéria», Vol. XLIX, Fasc. 5, Lisboa, 1949, págs. 473 a 478 leu a legenda como se reproduz na Fig. 1-*B*.

Na pág. 475 o P.e Jalhay refere que Russel Cortez propôs inicialmente a seguinte leitura, com a qual discorda.

AVgusti GEnio
CILEA
MILNIMA
VOTum Libens POsuit

No estudo da ara o Padre Jalhay começa por referir (pág. 474) que a ara jazia quase à entrada de uma mina, em que,

---

(1) Num encontro que em 22 de Abril de 1980, tive com o Dr. Russel Cortez, na Direcção-Geral do Património Cultural (Lisboa), este velho amigo, comunicou-me que o seu parecer sobre o ara de Fontes era, agora, «um voto dedicado à memória de Minerva».

segundo a tradição, se chegou a explorar minério de estanho e que deu, por vezes, ouro em apreciável quantidade.

Realça algumas particularidades das letras, tais como ausência de travessão no A, o M de hastes exteriores muito divergentes, o O quase circular e os três travessões do E sensivelmente iguais.

Acentua que «as quatro letras da 1.ª linha formam uma só palavra AUGE e esta é simplesmente o substantivo próprio *Auge, es* ou *Auge, ae* derivado do grego Αὐγή com que em latim bárbaro se designa aurora».

Dá a seguir a transcrição: AUGE CILEA EMINII ME(rito) VOT(um) L(IBENS) PO(suit), que traduz assim: à deusa Aurora, Cilea (filha) de Emino cumpriu gostosamente a promessa que fizera (erigindo esta ara).

Verifica-se que a bela era de Fontes mereceu ser estudada por dois arqueólogos.

Ao Rev.º P.e E. Jalhay, que foi distinto e operoso arqueólogo, cabe o mérito da interpretação daquela ara, como consagrada a AUGE, a deusa Aurora.

No desenho da Fig. 1 onde se reproduzem três leituras da inscrição da ara há algumas diferenças que não importam grandemente para a interpretação global apresentada pelo P.e Jalhay.

A sua cuidada cinzelagem, tem como a sua consagração à deusa Aurora, confere-lhe posição de certo realce como peça arqueológica.

Por isso bem merece ser resguardada em museu, que, salvo melhor parecer, pode ser o de Chaves ou o de Vila Real, mais próximos do local do achado.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Novembro de 1979

J. R. dos Santos Júnior *

Antigo Director do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia» e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia.

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia

Fig. 2 — Cabeço da capela de S. Pedro, onde assentou o velho Castro de Fontes, visto do lado poente. No alto, por trás dos pinheiros, vislumbra-se a capela de S. Pedro. Do lado nascente as vinhas estendem-se até ao paredão do reduto da capela.

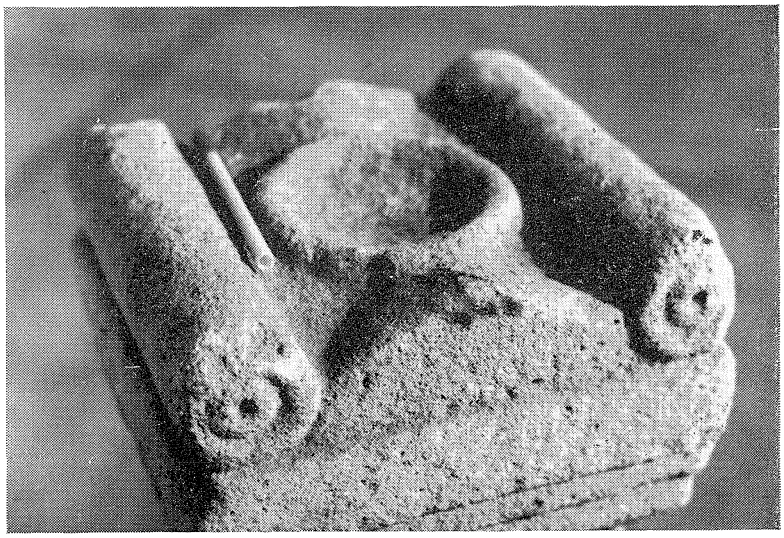

Fig. 3 — Cabeça da ara de Fontes mostrando o *foculus* ladeado pelas almofadas cilíndricas, volutas *(cornua)*. A caneta mede 14,5 cm.

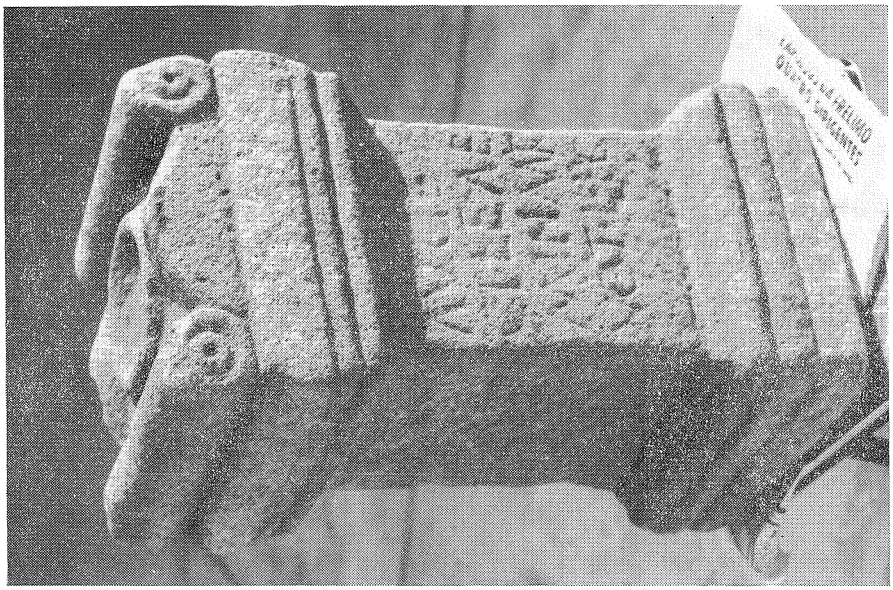

Fig. 5 — A ara de Fontes fotografada em posição conveniente para realçar particularidades de cinzelagem.

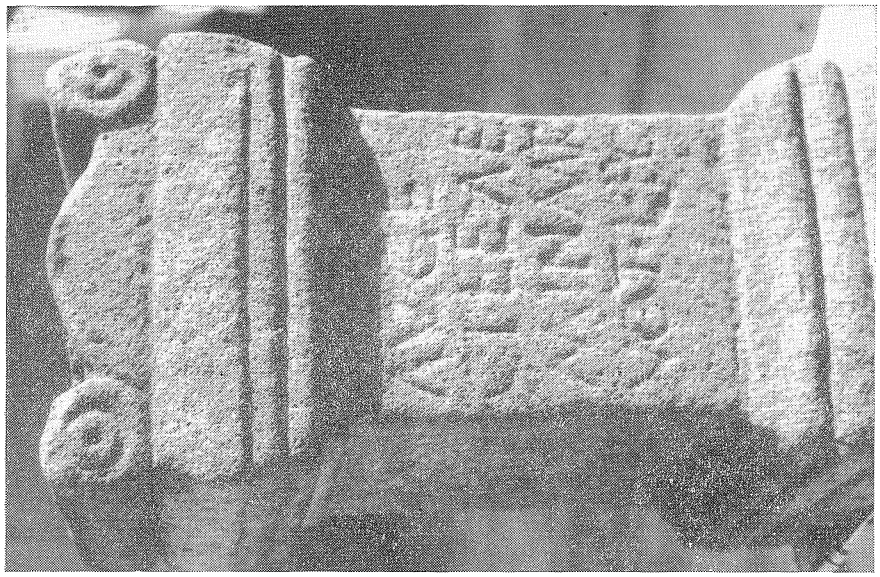

Fig. 4 — Legenda da ara de Fontes fotografada em posição quase ortogonal.